



Educar para (trans) formar: caminhos de desconstrução do machismo

Educating to (trans) form: ways to deconstruct machismo

Rosa Maria Farias Tenório⁽¹⁾; Patrícia Maria Tenório de Souza⁽²⁾

Página | 1887

⁽¹⁾ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1303-8943>; Universidade de Pernambuco, Professora Assistente do Curso de História, Mestra em Educação pela UFPE, BRAZIL, rosa.tenorio@upe.br

⁽²⁾ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5642-5065>, Universidade de Pernambuco, mestranda em Culturas Africanas, da Diáspora e dos Povos Indígenas – pela UPE, BRAZIL, pattenorio@gmail.com

Recebido em: 15 de agosto de 2019; Aceito em: 22 de novembro de 2019; publicado em 10 de 07 de 2020. Copyright© Autor, 2020.

RESUMO: O presente trabalho discute a experiência do Grupo de Estudo composto por graduandos dos cursos de história, pedagogia, psicologia. A partir dos estudos sobre a história das mulheres, marcada por uma tessitura social binária e machista, inquietou o grupo como promover uma cultura que dê visibilidade ao feminino e favoreça a quebra dos diversos tipos de violência sofrida pelas mulheres no Agreste Meridional. Assim emergiu a necessidade de desenvolver atividade de extensão em quatro escolas da Rede Municipal de Garanhuns, com atividades para alunos de oitavos anos do ensino fundamental, com o objetivo de conscientizar os estudantes sobre a importância das mulheres e buscando promover a desconstrução do machismo. A metodologia seguiu as seguintes etapas: a) estudo e discussão de textos, com referencial teórico embasado em pesquisadoras como Margareth Rago, Tânia Swian, Djamila Ribeiro e outras; b) definição de Escolas Municipais para atuação e sensibilização dos gestores, professores e pais de alunos para desenvolver as atividades; c) contato e desenvolvimento de atividades lúdicas e rodas de conversa com os(as) alunos(as). Constatou a importância da Educação como caminho para quebra de conduta machista institucionalizada na cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres, Educação, Desconstrução do Machismo, Direitos humanos.

ABSTRACT: This paper discusses the experience of a study group composed of undergraduates of the courses of History, Pedagogy and Psychology. From studies on the history of women, marked by a binary and sexist social fabric, the group worried about how to promote a culture of female visibility and favor the breaking of the various types of violence suffered by women in the rough northeastern territory. Thus emerged the need to develop extension activities in four public schools from Garanhuns, with activities for eighth grade students, in order to raise students' awareness about the importance of women and seeking to promote the deconstruction of machismo. The methodology followed the following steps: a) Margareth Rago, Tania Swain, Djamila Ribeiro, among others. b) definition of municipal schools to act and sensitize managers, teachers and parents of school students to develop the activities c) contact and development of playful activities and conversation circles with students. It was noted that the importance of education is a way to break institutionalized male chauvinist conduct in culture.

KEYWORDS: Women, Education, Machismo, Human Rights.

INTRODUÇÃO

A humanidade é constituída de uma múltipla e complexa diversidade que nos enriquece na convivência, no reconhecimento, aprendizado, valorização e respeito a essas diferenças, sejam elas de raça, gênero, etnia, nacionalidade, cultura, língua, religião, orientação sexual, física e psíquica. A sociedade precisa respeitar e acolher todas essas especificidades e em hipótese alguma pode ampliar segregações.

Em cada núcleo ou camada social as diferenças são infindáveis, visto que cada ser humano é único em um contexto universal. Assim, somos iguais e diferentes. Nesse sentido a educação voltada para a valorização dos Direitos Humanos está em contínuo processo de desconstrução de preconceitos e, em contrapartida, visa promover edificação de uma formação humana que resinifique as multiplicidades, em exercício contínuo de aprendizado da valorização das individualidades e diferenças. Esse processo de educação requer tomada de posturas, individual e comunitária.

O ódio, o preconceito e a intolerância são construções sociais e são decorrentes de múltiplas motivações: ideológica, política, econômica, religiosa. É preciso, como afirma Boaventura de Souza Santos, “lutar pela igualdade sempre que as diferenças nos discriminem. Lutar pelas diferenças sempre que a igualdade nos descaracterize” (SANTOS, 1995). Nesse exercício de desconstrução de uma história de separatismos, racismo, exclusão social, machismo e preconceitos diversos, é preciso mudar a cultura que oprime e essa transformação só é possível através da educação.

Na esteira de Jaime Pinsky, compreendemos que “o verdadeiro potencial transformador da história é a oportunidade que ela oferece de praticar a inclusão histórica” (PINSKY, 2013, p.28).

Nessa direção, o ensino de história para a educação básica e fundamental, está presente nos PCN’S e tem passado por renovações didáticas, procurando promover metodologia na direção da interdisciplinaridade. Nessa circunstância, a história rompe com o ensino de uma história oficial estática, linear. Busca problematizar eixos geradores contextualizados com a realidade e que promovam formação humana, levando a reflexão acerca da ética, da pluralidade cultural, reflete sobre condições sociais como inclusão social, respeito às diferenças, questões ontológicas dos sujeitos, política, questões ambientais, visando promoção de uma aprendizagem significativa do sujeito histórico.

Nessa perspectiva, o presente artigo é fruto da experiência de estudantes que integram o grupo de estudo acadêmico da UPE/ *Campus* Garanhuns, intitulado *Epistemologia Feminista, Cultura e Gênero*, que surgiu a partir da disciplina História de Gênero. O grupo está ativo há três anos, faz parte da linha de pesquisa NEPEJA (Núcleo de Pesquisa em Educação de Jovens e Adultos) e é integrado por graduandos dos cursos de história, pedagogia, psicologia, biologia e alguns ex-alunos; Busca refletir sobre a construção das identidades de gênero, com ênfase na história das mulheres na trajetória histórica do mundo ocidental.

Nesse sentido, procura organizar-se através de quatro pilares de aprendizagem: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver junto, aprender a ser.

Sabemos que a violência contra as mulheres é um drama complexo e frequente no Brasil e essa realidade está à nossa frente de forma bem presente no Agreste Pernambucano. Nessa direção, a intenção de desenvolver atividades extra *campus* emergiu a partir da constatação da violência implícita e explícita pertinente às questões de gênero (com ênfase na história das mulheres) no agreste pernambucano e a compreensão de que os pilares do machismo só podem ser desmontados a partir da (re) educação e desconstrução de questões que geram diferenças, preconceitos e distorções sociais, em que a ação feminista apresenta luta e conquistas dos direitos dos sujeitos marginais.

Se quisermos educar para um mundo mais justo, é preciso que atentemos para não educar meninos e meninas, pobres e ricos, brancos e negros de uma forma radicalmente distinta. Quando as crianças adentram as escolas, elas já passaram por uma socialização inicial da construção de determinados valores sociais na família. Entretanto, a escola deve ser um espaço de desvelo para não permitir a reprodução de preconceito contra as mulheres ou velar discriminação racial e social.

Assim, as atividades do grupo objetivam provocar reflexões sobre como as desigualdades sociais foram construídas historicamente e estão presentes em nosso cotidiano e promover visibilidade para os sujeitos periféricos, especificamente as mulheres, fazendo análise da história do feminino, como foram silenciadas historicamente, como se tornaram vítimas das ventosas de uma cultura machista, sexista e promovendo recortes específicos sobre as subjetividades das mulheres, suas lutas, resistências, conquistas, podendo contribuir para a sensibilização e erradicação de uma sociedade binária e discriminatória. Também promover reflexão sobre o preconceito e as lutas das mulheres negras, que são historicamente diferentes das lutas das mulheres

brancas, pois enquanto as mulheres brancas lutaram por espaço para trabalhar fora das atividades domésticas, as mulheres negras, trabalham desde cedo, sem o reconhecimento igualitário em relação ao trabalho masculino.

Simone de Beauvoir já denunciava o silenciamento histórico em relação às mulheres. No feminismo negro, pensadoras como Djamila Ribeiro faz um recorte sobre a dimensão desse silenciamento, ainda mais agravado, em relação às mulheres negras. Djamila em *O Que é Lugar da Fala* (2017), refere-se às mulheres negras, em suas lutas ampliadas, como o verdadeiro feminismo, em que as mulheres negras, desde antes de atravessarem o Oceano Atlântico, já precisavam resistir e lutar por sua própria sobrevivência. Numa sociedade patriarcal, machista, o discurso legitimado é o do homem branco, heterossexual, em que as outras vozes são consideradas o “outro”, que é aquele que não traduz a norma e impede que esses “outros” façam parte desse regime, relegados à margem da sociedade.

Nesse diálogo, que também se refere a protagonismo, capacidade de escuta e lugar de fala, façamo-nos as perguntas: Que histórias não são contadas? Quem, no Brasil e no mundo, são as pioneiras na autoria de projetos e na condução de experiências em nome da igualdade e da liberdade? De quem é a voz que foi reprimida para que a história única do feminismo virasse verdade? Na partilha desigual do nome e do como, os direitos autorais ficam com as Mulheres Negras, as grandes pioneiras na autoria de práticas feministas, desde antes da travessia do Atlântico. Como herdeiras desse patrimônio ancestral, temos em mãos o compromisso de conferir visibilidade às histórias de glória e criatividade que carregamos. Esse turning point nas nossas narrativas relaciona-se com a principal pauta do feminismo negro: o ato de restituir humanidades negadas. (RIBEIRO, 2017, p. 22)

Djamila Ribeiro (2017) reflete sobre o silenciamento e a falta de visibilidade das mulheres negras. A autora, percorrendo a esteira de Lélia Gonzales, busca promoção da descolonização do conhecimento e a refutação de uma neutralidade epistemológica, analisando como o discurso dominante é excludente, apartando as pessoas de um sistema educacional justo.

Toda a discussão acerca do estudo em pauta, priorizou percorrer os caminhos de desconstrução do machismo, refutando a ideia de neutralidade epistemológica, procurando transcender o discurso de linguagem dominante, branca, masculina e dando visibilidade às mulheres, identificando quando as diferenças geram desigualdades.

Acreditando-se que a educação é a grande ferramenta de transformação de uma sociedade, na sala de aula, com os educandos, a ideia foi geminar semente de solidariedade, tolerância e a quebra de condutas de subjugação a partir da reflexão e

problematização sobre pequenas atitudes, que geram culminância de alto índice de violência contra as mulheres. É preciso analisar gestos e expressões simples, arraigadas em nossa cultura e com grande poder sobre manobras do machismo, como: ‘menino não chora’; ‘prenda suas cabritas que meu bode está solto’; ‘vestido curto demais: tá pedindo...’, mulher no volante: perigo constante’; ‘gosta de apanhar’ e tantas outras. Para isso, foi preciso tocar a origem do machismo, como certas condutas foram institucionalizadas no seio da sociedade, gerando desigualdade e desvalorização do feminino em detrimento do masculino. Os graduandos envolvidos na presente pesquisa apostaram na educação na direção de Formação Humana, como instrumento de desconstrução do pensamento machista que perpassou/perpassa a história, desde os primórdios, na história, filosofia, literatura, como quebra de ciclo viciado da violência. Entendendo que o objetivo da presente pesquisa/ação não era tratar da violência/consequência, mulheres agredidas ou mesmo o feminicídio, mas, antes de tudo, sensibilizar para o papel das mulheres e também dos homens dentro da sociedade, com direitos equitativos entre meninos e meninas, homens e mulheres.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O grupo em foco, iniciou as atividades lendo e discutindo textos literários e históricos, aprofundando sobre a história das mulheres e abordando pensamento de feministas e pensadoras/es que problematizam e desconstruem as ventosas do machismo. Também foram feitas dinâmicas e muitas partilhas enriquecedoras, trocas de experiências de vida, vivências. Envolvidos com o estudo e temática, o grupo supracitado desenvolveu projeto na modalidade de extensão, ao constatar, a partir dos estudos e reflexões, que a violência, implícita e explícita, pertinente a questões de gênero no agreste pernambucano é latente e só pode ser combatida através do diálogo e desconstrução dessa cultura binária instituída e alicerçada pela educação informal. É preciso dirimir as questões que geram diferenças, preconceitos e distorções sociais, dando visibilidade às mulheres. Nesse ínterim, fluiu a parceria com a Secretaria da Mulher a fim de preparar os graduandos para desenvolverem atividades de intervenção junto às escolas municipais em relação à desconstrução do machismo.

O primeiro objetivo foi introduzir os participantes do curso de história e graduandos interessados na temática, nos estudos feministas e de gênero, para

compreensão, debate e aprofundamento da história que configura a cultura sexista e outras formas de dominação e, a partir desse estudo, gerar crítica analítica das questões de gênero a partir da educação informal (aquela que emerge na vida cotidiana, segundo GOHN, 2006), que pode promover atividades de formação humana nessa direção.

Para compreensão das condutas machistas na atualidade, o grupo se debruçou sobre vasta historiografia que contemplam a temática do feminino, buscando fazer releitura das fontes utilizadas nas narrativas históricas e a partir delas gerar a crítica em relação ao espaço feminino que ficou oculto nas dobras da história. Entendeu-se a violência simbólica já a partir desse silenciamento da história em relação às mulheres que, como afirma Tania Swain (2010, p 28) “ o que a história não diz não existiu, pois o sistema de interpretações que decide sobre aquilo que é relevante para a análise histórica fica oculto nas dobras das narrativas. ” Assim, é compreendido que a violência contra as mulheres remonta os primórdios da história, quando foi sonegado delas a visibilidade histórica. Foi instituída a ideia do masculino universal, em que todas as criações passaram a ser masculinas: ‘o homem criou a roda’, ‘o homem criou o alfabeto’, ‘o homem criou o arado’ etc. Enquanto isso, estabeleceu-se o espaço privado, denominado pelos gregos de *oikos*, para o feminino, em que o que a elas restava era pro(criar) os filhos. A partir dessa divisão de tarefas e espaços, ampliaram-se as ventosas do machismo, que geraram/geram a ideia de que as mulheres são pertencimento do masculino. Nas dobras do patriarcalismo a cultura naturalizou a dominação masculina sobre as mulheres, gerando várias formas de violência que abrangem gênero e raça: violência simbólica, psicológica, física, sexual e patrimonial.

A partir dessa tomada de consciência e aprofundamento do conhecimento da temática, com a finalidade de entender a formação do machismo através da história, discutir outros tipos de feminismo delineados na cultura e produção histórica, foi elaborado o projeto que procurou vincular teoria e prática na pesquisa de gênero, buscando ajudar a formação educativa dos jovens da região sobre Direitos Humanos, respeito às mulheres, equidade de direitos entre meninos e meninas.

Os estudantes fizeram visita a quatro escolas da rede municipal de Garanhuns para conhecer a realidade das mesmas e estabelecer primeiros contatos com os alunos do ensino fundamental II, com quem trabalhariam a temática em foco. Nessa direção, os Parâmetros Curriculares Nacionais apresentam eixo de construção das práticas pedagógicas através da interdisciplinaridade. Assim, não só nas aulas de história, mas em outras aulas e envolvendo vários professores (as) o projeto foi posto em ação.

VIVER É AFINAR O INSTRUMENTO...

Foi justamente a imanência poética de Walter Franco: “Viver é afinar o instrumento de dentro pra fora, de fora pra dentro, a todo momento...” que permitiu aos graduandos(as) envolvidos(as) com o projeto, reaprender a escutar a si, a compreender o processo histórico do qual somos todos e todas submetidos(as) na cultura em que fomos/somos educados(as), a repensar seus (pre)conceitos e buscar equilibrar expressões singulares de viver uma vida, com entonação de possíveis formas de promoção de justiça, equidade e respeito, especificamente no tocante aos direitos de meninos e meninas em sua sociedade. Ao estudar as lutas e experiências concretas das mulheres, através de pesquisadoras como Margareth Rago, Tânia Suwian, Djamila Ribeiro, Michele Perrot etc, foi possível revisitar a história e apreender as lições cotidianas que atravessaram as vivências do passado e cruzam as histórias atuais das mulheres e meninas (mães, trabalhadoras, jovens, estudantes...) que sonham, desejam, lutam e muitas vezes são oprimidas e silenciadas em suas idiossincrasias, suas subjetividades.

Após esse exercício que mesclou estudo, relatos de experiência, rodas de conversas, o passo seguinte foi, através da experiência em quatro escolas da rede municipal de Garanhuns, buscar promover atividades lúdicas para através delas estimular uma cultura de paz, que quebra o ciclo viciado de violência contra as mulheres (seja violência física ou psicológica). Os graduandos optaram por desenvolver atividades com alunos e alunas dos oitavos anos do ensino médio de quatro escolas da rede municipal de Garanhuns. A escolha foi feita pensando a idade dos alunos e alunas, em plena adolescência, quando desperta o interesse para a conquista e o namoro. Assim, sempre em duplas, os alunos adentraram em sala de aula e promoveram com os estudantes dos oitavos anos, atividades tais como rodas de conversa sobre namoro abusivo e o respeito aos direitos das meninas, dinâmicas de grupo, brincadeiras, contação de história de mulheres que se destacaram na história, pequenos vídeos, oficina de confecção de bonecas abayomi (bonecas de pano, pretas, feitas de retalhos, que rememoram as mulheres africanas que rasgavam suas barras de saia para acalantar os filhos, durante viagens a bordo de tumbeiros, símbolo de resistência negra). Foram explorados os quadros de Debret para explicar, através de imagens, o patriarcalismo e a luta das mulheres negras, diferenciada da luta das mulheres brancas. Também foram pensadas imagens femininas da história e mulheres do cotidiano do Agreste Meridional.

Sem fórmula pronta para adentrar a sala de aula, os estudantes, sempre em postura ética, discutida com as coordenadoras do grupo, concomitantemente ao estudo contínuo e às atividades lúdicas com os alunos e alunas das escolas envolvidas no projeto, desenvolveram trabalho de sensibilização, trabalho que lançou continuamente mão de experiências narrativas para gerar a discussão/reflexão e, com os gestores das escolas e palestras para professores e pais dos referidos estabelecimentos de ensino. A partir do presente trabalho, houve expansão de palestras para estudantes do EJA – Educação de Jovens e Adultos do município de Garanhuns e palestra no I Fórum de enfrentamento à violência doméstica e familiar contra as mulheres do Agreste Meridional, em constante parceria com a Secretaria da Mulher do Município de Garanhuns e ainda, os estudantes oriundos da Universidade de Pernambuco, membros do grupo de estudo e participantes do presente projeto de extensão, socializou a experiência do presente projeto com estudantes do curso de Pedagogia da UNEAL, na cidade de Santana do Ipanema, durante evento intitulado VII ENCCULT-Encontro Científico e Cultural de Alagoas, cumprindo meta da Universidade, de sair dos muros e estar aberta à sociedade para ensino, aprendizagem e troca de experiência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

É verdade que o desejo desse projeto foi semear espaços de reflexão para uma educação que gerasse visibilidade e voz para o feminino, visto que a história ao longo do tempo silenciou e promoveu sujeição das mulheres diante do masculino. A intenção foi, antes de tudo, delinear trajetórias de vida de mulheres, combater conduta instituída no seio social ao longo dos séculos que discriminam, marginalizam e promovem formas de violência para com as mulheres. Não há razão para, depois dessa trajetória, negar que almejávamos burlar certa versão historiográfica que insiste em manter as histórias das mulheres no silêncio, apagando-as inclusive do imaginário social mundial, nacional e local. A vontade era constituir por meio da pesquisa outras lições.

Nessa direção, identificamos e problematizamos a força das mulheres dentro do contexto econômico, político, cultural vigente na sociedade, seja nos espaços públicos ou particulares. Embora em muitos aspectos a história das mulheres tenha sido sufocada pela tessitura do machismo, ressaltam aos nossos olhos o posicionamento de mulheres determinadas, lutadoras, com personalidades fortes, autênticas e a perspectiva que só

através dos processos formativos é possível quebrar esse ciclo histórico de marginalização, silenciamento e submissão das mulheres.

Embora os encontros do grupo, para estudo, se deram sempre no espaço universitário, com duração de três anos, o projeto de inserção da discussão transversal em sala de aula, nessa direção, foi um laboratório desenvolvido durante o ano de 2018, permeado de muito estudo, troca de experiência, fortalecimento do grupo e fortalecimento do espaço de ensino/aprendizagem com troca de experiência entre os (as) graduandos(as) e os(as) adolescentes.

Nessa trajetória, tanto os graduandos, quanto os alunos oriundos das escolas elencadas para a ação em pauta, puderam pensar a si mesmos, visitar suas condutas, analisar o que aprenderam na educação informal, aquela alicerçada na cultura e que se inicia no contexto familiar e vizinhança, repensar o contexto histórico, conhecer várias mulheres e suas lutas e resistências, analisar o que a literatura e o material fílmico apresenta em relação às mulheres, estudar e vivenciar aspectos da ética, do respeito mútuo, da escuta do outro, dos direitos humanos.

Ainda que a intensão não tenha sido campo de estágio para os alunos, mas desenvolver um laboratório de socialização do conhecimento, o trabalho de investigação e pesquisa do cotidiano escolar por parte dos graduandos da UPE, enriqueceu a preparação à docência, pois possibilitou, na prática, o contato com a realidade educacional, a realidade dos alunos das escolas, as condições de espaço físico das escolas e a vivência de conteúdos interdisciplinares, na direção dos Direitos Humanos.

A partir das discussões e conteúdo vivenciados pelo grupo, emergiram várias ideias e produção de artigos e TCCs.

É preciso se escrever a história do feminino por outra ótica, que não seja repositório de preconceitos e estigmatizações, nos espaços privados e públicos. Reforçamos a necessidade de criação de grupos de estudo que pesquise e mescle os conceitos estudados com a experiência em sala de aula, em atividades de extensão, com adolescentes e jovens, levando-os a refletir sobre a autonomia, o espaço do(a) outro(a), sem dominação, sujeições e preconceitos.

REFERÊNCIAS

1. ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. **Nordestino: a invenção do falo**. SP. Editora Intermeios, 2013.
2. AQUINO, Julio Groppa. **Sexualidade na Escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo. Ed. Summus, 1997.
3. BESSE, Susan K. A política do(s) feminismo(s) e do(s) antifeminismo(s). In: Modernizando a desigualdade. São Paulo: Edusp, 1999.
4. BRANCO, Angela Maria Uchoa de Abreu (org). **Diversidade e Cultura de Paz na Escola: Contribuições da perspectiva sociocultural**. Editora Mediação. Porto Alegre, RS. 2015.
5. BUTLER, Judith. Capt. 1. Sujeito do sexo-gênero-desejo in: Problemas de gênero, feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2003,ps 17-60.
6. FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I – A vontade de saber**. Rio de Janeiro. Edições Graal. 1988.
7. FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade II_ O Uso dos Prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
8. FOUCAULT. Michel. **História da Sexualidade III: o cuidado de si**. Rio de Janeiro. Edições Graal. 1985.
9. FURLANI, Jimena. **Educação Sexual Na Sala de Aula - Relações de Gênero, Orientação Sexual e Igualdade Étnico-racial**. SP, Autêntica Editora, 2011.
10. LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**, Pétropolis, Rj. Vozes, 2014.
11. MARUANI, Margaret. e Hirata, Helea (org.) **As Novas Fronteiras da Desigualdade**. São Paulo. Editora Senac, 2003.
12. McLAREN, Margaret A. **Foucault, Feminismo e Subjetividade**. Ed.Intermeios.SP, 2016
13. MEYER. Dagmar Elizabeth Estermma e outras (org.) Saúde, sexualidade e gênero na educação de jovens. Ed. Mediação. Porto Alegre, RS. 2015.
14. MIGUEL, Luis Felipe (org) e Biroli, Flávia (org). **Feminismo e Política**. São Paulo, Boitempo, 2014.
15. PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. São Paulo. Contexto, 2013.

-
16. QUIRINO, Glauberto da Silva. **Prática Docente Em Sexualidade e Educação Sexual no Espaço Escolar**. RS. Editora Appirs,, 2015.
17. RAGO, Margareth (org). **Subjetividades Antigas e Modernas**. Ed. Annablume. SP, 2008
18. REIS, Maria Amélia de Souza (org). **Formação Docente em Gênero e Sexualidade- Entrelaçando Teorias, Políticas e Práticas**. Editora: DP et Alii. RJ, 2013.
19. ROHDEN, Fabíola (org). **Gênero e Diversidade na Escola; Formação de Professora/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais**. Livro
20. de conteúdo. Versão 2009. – Rio de Janeiro : CEPESC;
21. Brasília : SPM, 2009.
22. SWAIN, Tânia Navarro. **Construção e limites da memória social**. In: **Subjetividades Antigas e Modernas/** organização de Margareth Rago e Pedro Paulo Funari – São Paulo, Annablume, 2008
23. Revistas Aulas da UNICAMP, 2010.
24. SANTOS, Boaventura de Souza. **A construção multicul-tural da igualdade e da diferença**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, Rio de Janeiro: Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 4 a 6 de set. (Conferência), 1995.